

# Carreira: mulher tem 13% menos chances de contratação (e mais desvantagens)

Embora a luta pela equidade de gênero venha angariando conquistas significativas nos últimos anos, quando o assunto é o mercado de trabalho, os homens ainda desfrutam de muitas vantagens. “Ainda predominam as ideias arcaicas em relação ao papel da mulher na sociedade e, principalmente, no trabalho”, afirma José Roberto Marques, master coach e presidente do IBC (Instituto Brasileiro de Coaching).

[\(Universa, 08/04/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Os desafios começam logo na seleção. Segundo uma pesquisa feita pelo LinkedIn, as mulheres têm 13% menos chances de serem consideradas por recrutadores. Um estudo da Harvard Business Review mostra que, para conseguirem a vaga, elas ainda precisam preencher 100% dos requisitos, enquanto eles, de acordo com o levantamento, são aprovados atingindo apenas 60% dos pontos considerados pelo entrevistador. O estudo foi baseado nos dados dos mais de 610 milhões de usuários da rede.

Outra pesquisa recente, feita pela agência de pesquisa e inteligência de mercado Hello Research, reforça as diferenças que existem entre homens e mulheres nos ambientes profissionais. Foram entrevistadas, pessoalmente, 1.326 pessoas de mais de 70 municípios, nas cinco regiões brasileiras. Entre outras coisas, o estudo mostrou que 67% dos homens se sentem respeitados no trabalho. No caso das mulheres, o número cai para 55%.

“Por mais que nos últimos anos tenhamos avançado no combate ao sexismo, estamos longe de promover a igualdade de gênero. Ainda mais alarmante é o fato de que apenas uma em cada três mulheres acredita que o mercado de trabalho é igual para os dois gêneros”, afirma Davi Bertoncello, CEO da Hello, referindo-se a outro dado extraído do estudo.

A desvantagem feminina também fica evidente quando se analisam os cargos

de liderança. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e da OIT (Organização Internacional do Trabalho), as mulheres ocupam apenas 39% dos cargos de gerência e 19% dos postos destinados aos CEOs. “É provável que muitas delas estejam sendo entrevistadas por homens que sequer se sensibilizam com a condição de desigualdade entre os gêneros. Eles não reconhecem que há uma barreira e, dessa forma, não se dispõem a superá-la”, afirma Bertoncello.

Para piorar, ainda existem algumas profissões que carregam a fama de “serem mais apropriadas para homens”. É o que ocorre nas áreas de tecnologia e ciência, por exemplo. “É preciso investir na formação das mulheres, para que haja maior equilíbrio de gênero nos variados tipos de carreira e mercados”, diz Marcelo Braga, especialista em gestão de pessoas e CEO da Reachr, empresa especializada em recrutamento e seleção.

Discutir o assunto dentro das próprias empresas, e na sociedade como um todo, é essencial para enfrentar as barreiras colocadas pelo preconceito. Além disso, lideranças femininas precisam se mobilizar para fortalecer a atuação de outras mulheres no mercado de trabalho em que já são influentes.

*Julia Tavares e Priscila Ribeiro*

---

## **“Não há saúde mental onde tem racismo”, afirma psicanalista**

*A luta de ativistas por direitos se torna, muitas vezes, uma luta para manter a sanidade*

**[\(CartaCapital, 16/02/2019 - acesse no site de origem\)](#)**

O [suicídio da ativista Sabrina Bittencourt](#), que ajudava na denúncia de abusos sexuais, entre eles o que levou à prisão do médium [João de Deus](#),

assim como outros casos de menor repercussão na mídia, como a morte de Daniel Marques, do movimento negro do Capão Redondo, e que em 2016 também decidiu pôr fim à própria vida, ascendem a luz sobre os reveses da vida de um militante, e da importância da saúde mental na atividade política para fora dos muros.

Essa preocupação tem levado profissionais da saúde e o próprio ativismo a reavaliar suas práticas, abrindo caminho para rodas de conversa e atendimentos específicos.

“Ó, tem militante mal, precisamos de ajuda.” Em meio ao fogo cruzado das [manifestações de 2013](#), os psicanalistas do grupo Margens Clínicas, coletivo que oferece atendimento a vítimas de violência de Estado, veem pipocar os pedidos de atendimento clínico.

O grupo foi fundado oficialmente em 2012, mas, desde 2007, quando a reitoria da Universidade de São Paulo foi ocupada, o trabalho com a saúde mental de militantes e ativistas já era feito.

Em 2013 há um ponto de inflexão. “Alguém que tivesse ido às manifestações e sido machucado pela polícia nos pedia, individualmente, para ser atendido, porque o trauma individual dele tinha sido muito forte”, conta a psicanalista Anna Turriani.

Em 2016, ano do impeachment de [Dilma Rousseff](#), há outro ponto de inflexão. Agora os pedidos eram feitos por organizações, entidades e movimentos sociais. “Naquele momento fica claro para os grupos que eles precisavam se cuidar no coletivo. É a percepção dos efeitos nocivos da militância, de que se eles não se cuidassem, o trabalho deles poderia implodir”, afirma a psicanalista.

Se militar pode ser duro, a vida pode ser ainda mais. Como ter saúde mental em mundo de exclusão, racismo, machismo e homofobia? Por isso, para o grupo os especialistas, o sofrimento de militantes tem de ser tratado no coletivo, dentro do movimento. “A dor está inscrita na estrutura do que ele (militante) faz. O ativismo tem de entrada essa marca, de que machismo e racismo é uma coisa estrutural”, explica Anna.

Ela afirma ainda que a luta por direitos, por equidade, é também uma luta por saúde mental. “Não há saúde mental onde tem racismo; quando o moleque não pode escolher usar seu cabelo black porque senão ele apanha da polícia. Quem não adocece sendo humilhado?”

## **Depois da fantasia, paranoia e apatia**

Victor Barão, psicanalista no grupo, afirma que a partir de 2016 os relatos sobre perseguição aumentaram. E o medo de uma suposta caça às bruxas pode fazer com que os militantes abram mão do projeto coletivo em detrimento de projetos pessoais, em tese mais seguros. Mas não sem dramas. Afinal, desistir da militância, ainda que temporariamente, abre caminho para um sentimento de frustração.

“Notei esse retorno da paranoia com mais força nos últimos tempos, e aqui isso tem gerado uma certa apatia para eles”, reforça Laura Lanari, também do Margens Clínicas.

Para os especialistas, isso decorre do fato de os movimentos sociais e grupos não conseguirem entender, nesse momento, tudo o que foi conquistado. “É algo como: fizemos tanto para isso?”, afirmam. “As pessoas estão compreendendo que grandes erros da esquerda no passado acontecem por falta de escuta. Como no caso das [mulheres marginalizadas](#) dentro do próprio movimento social”, acrescenta Anna.

Ouvir o outro passa a ser então o melhor remédio. Não só no divã do analista, mas nas ruas, nas rodas de conversa e de escuta abertas. Nesse processo, as mulheres negras estão muitos passos na dianteira. São elas que, cada vez mais, bradam: “Não dá para falar em militância sem falar do meu sofrimento.”

## **Quem eu deveria ser?**

Uma espécie de síndrome de super-herói, de alguém que coloca para si incumbências sobre-humanas, ou que infla demais o ideal daquilo que se deseja ser ou fazer, é responsável por provocar quedas bruscas e grandes frustrações. É aquele ou aquela que parece carregar o peso do mundo nas costas.

Se por um lado os ideais ajudam os militantes a agirem, eles são responsáveis pela repetição eterna do fracasso. Afinal, é um ideal. Quanto maior, mais distante fica.

“Em militâncias em grupos mais hierarquizados, em que os sujeitos são galgados a quadros, o peso e a expectativa são enormes. Não é por acaso que diversas situações desemboquem no suicídio. Inventam-se incumbências que não podem ser cumpridas”, explica Rafael Alves Lima, que também faz parte do Margens Clínicas.

E os símbolos que constroem essas ideias são também construídos socialmente, como é caso das [histórias de príncipes encantados que salvam moças indefesas](#). As histórias de heroísmos irrealizáveis estão por aí, e fazem muito sucesso.

## **Do luto à luta**

Muitos dos que vão para a militância como maneira de fazer política, fazem pela necessidade de lutar por direitos que já foram perdidos. Como os sem-teto, que se organizam para reivindicar moradia. A luta, então, rememora um trauma já vivido, e qualquer perda nesse processo pode gerar um baque muito maior do que em pessoas que buscam na militância uma causa ou um ideal mais amplo.

O grupo explica que por vezes a militância repete o trauma, ao mesmo tempo em que promete um destino e dá sentido à vida. “As pessoas e movimentos têm de entender que esse é um processo coletivo de construção, e que isso prevê o cuidado de um com os outros. A militância é essencialmente um projeto coletivo”, argumenta Lima.

*Carol Scorce*

---

# Cresce a parcela de brasileiros que diz já ter sofrido algum preconceito

*Sensação de discriminação é maior entre negros, gays, umbandistas e evangélicos, diz Datafolha*

**[\(Folha de S.Paulo, 15/01/2019 - acesse no site de origem\)](#)**

Um a cada três brasileiros diz já ter sido [vítima de discriminação](#) por conta de sua classe social, segundo uma pesquisa do instituto Datafolha. E esse número aumentou nos últimos anos. Assim como cresceu a proporção de pessoas que declaram já terem [sofrido preconceito](#) por sua cor da pele, orientação sexual, local onde vive, religião ou gênero.

O preconceito de classe havia sido sentido por 23% dos entrevistados em levantamento anterior do instituto, de 2008, e por 21% em 2007. No atual, foram 30%.

Esse tipo de discriminação é mais sentida no Sudeste do país (declarado por 35% dos entrevistados) e menos no Nordeste (25%) e mais em cidades grandes que pequenas (34% dos entrevistados nos municípios com mais de 500 mil habitantes e 21% nos com menos de 50 mil pessoas).

O Datafolha ouviu 2.077 pessoas com 16 anos ou mais em 130 cidades entre 19 e 10 de dezembro. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos, e o nível de confiança é de 95%.

Em outubro, o presidente Jair Bolsonaro (PSL), à época candidato, [afirmou que “tudo é coitadismo”](#) no Brasil. “Coitado do negro, coitada da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Tudo é coitadismo no Brasil, nós vamos acabar com isso”, disse, em entrevista à afiliada do SBT no Piauí.

[O preconceito](#) é menos percebido entre quem declarou voto no militar. 26% dos eleitores de Bolsonaro disseram já ter sofrido discriminação por classe social e 18% por racismo. Entre os eleitores do candidato derrotado,

Fernando Haddad (PT), 37% declararam terem sido vítimas de preconceito de classe, e 27% de racismo.

A discriminação racial já acometeu mais de 1/5 dos brasileiros, apontou a pesquisa. O índice é cinco vezes maior entre os que autodeclarados pretos (55% foram vítimas) do que entre os que se declaram brancos (11%).

No Brasil, é [considerado crime contra a honra](#) a injúria motivada por raça, cor, etnia, religião e origem, entre outros, sob pena de reclusão de um a três anos e multa. Costuma-se considerar injúria o uso de palavras depreciativas, como chamar uma pessoa negra de “macaco”.

Já o crime de racismo e o de preconceito religioso é inafiançável e imprescritível e a pena varia de um a cinco anos de reclusão, além de multa. Envolve mais do que ofender verbalmente uma pessoa pela sua cor da pele ou religião. Significa também impedir o acesso de pessoas a determinados lugares (hoteis, restaurantes, elevadores sociais etc.) ou negar-lhes emprego de acordo com sua etnia, entre muitos outros casos.

O Datafolha também mediu o sentimento de discriminação religiosa. O índice é bem maior entre adeptos de religiões africanas (68% já sofreram preconceito) e entre os que frequentam igrejas evangélicas neopentecostais (48%). Entre os evangélicos em geral, independentemente da vertente, a taxa é de 38%.

Católicos, maior parte da população brasileira, são os que menos declararam já terem sido alvo de preconceito religioso (17%), menos até do que os sem religião (18%).

O instituto mediu ainda a percepção de discriminação de acordo com a orientação sexual. 55% dos entrevistados que se declararam homossexuais disseram já terem sido vítimas de preconceito por conta de sua orientação. O número cai para 38% entre bissexuais e 6% entre heterossexuais.

Não há legislação federal que tipifique a homofobia especificamente como crime. Em São Paulo, lei estadual pune a discriminação contra homossexuais, bissexuais e transgêneros e quem “proibir a livre expressão e manifestação de afetividade” com advertência e multa.

Uma a cada três mulheres entrevistadas também disseram já terem sofrido preconceito pelo único fato de serem mulheres.

Embora no discurso de posse feito no Congresso o novo presidente tenha defendido uma “sociedade sem discriminação”, depois, ao falar à população em púlpito, afirmou que iria [“libertar o Brasil” do politicamente correto](#).

O novo governo excluiu a menção à população LGBT no escopo das atribuições do [ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos](#) e extinguiu uma [secretaria do Ministério da Educação que é responsável por ações de diversidade](#), como direitos humanos e relações étnico-raciais.

Por outro lado, na atual gestão deve haver uma maior valorização da população evangélica, que tem alta taxa de sensação de discriminação religiosa, segundo a pesquisa, e faz parte da base de apoio do presidente.

A depender da disposição da primeira dama, [Michelle Bolsonaro, que discursou em libras na posse](#), também deve haver programas voltados à população com deficiência.

*Thiago Amâncio*

---

## **Cármem Lúcia diz sofrer preconceito por ser mulher e pede Constituição em defesa das minorias**

*Em seminário no Rio, magistrada afirma que é importante discutir o tema no Brasil: ‘O Direito não resolve’*

[\(Estadão.com, 12/11/2018 - acesse no site de origem\)](#)



A ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Cármen Lúcia falou nesta segunda-feira, 12, no Rio, sobre preconceito que sofreu ao longo da vida e carreira na área jurídica por ser mulher. “O preconceito continua e o Direito não resolve. O que resolve é a sociedade sabendo do preconceito e sabendo como lidar com ele”, afirmou, em seminário na Fundação Getúlio Vargas (FGV). “Preconceito prevalece entre minorias; sofro preconceito por ser mulher”, afirmou.

Na opinião de Cármen Lúcia, uma das principais desigualdades no Brasil é a “retratada contra a mulher”. Por isso, acredita ser importante a discussão do tema. “Essa é uma construção social da qual estamos distantes. Não é com tempo que chegamos lá. É com esforço de cada brasileiro. Não entrego a responsabilidade à sociedade por isso. Muitas vezes, nos acanhamos”, afirmou.

Ela ainda lembrou que, como presidente do STF, visitou penitenciárias e verificou que a situação das mulheres é muito mais difícil nesses casos do que a dos homens. “A fila de visita a mulheres não tem quase ninguém porque muitas vezes os chefes daquelas famílias proíbem até mesmo as mães de visitarem as filhas. Que sociedade teremos com essa falta de olhar? Que sociedade queremos ter para que a gente mude?”, disse, ao acrescentar que o Direito tem que garantir às mulheres “que elas sejam o que querem”.

Cármen Lúcia ainda disse que os homens fazem as mulheres felizes, mas também dão muitas tristezas. “Eu adoro os homens. Que declaração infeliz... Gosto do ser humano em geral. Homens e mulheres podem se fazer felizes”, acrescentou, ao ser perguntada por uma integrante da plateia sobre “dependência afetiva” das mulheres em relação aos homens.

Ela ainda acrescentou que as minorias não estão em risco porque acredita que o direito à igualdade previsto na Constituição será respeitado no governo do presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL). “Eu não tenho posicionamento partidário para me posicionar politicamente. Como juíza e professora de Direito Constitucional, todas as pesquisas, tudo que eu vivo e as pessoas com quem convivo são (comprovam) que há sim preconceito, há direitos conquistados que a gente precisa fazer valer, permanentemente. O que digo é apenas que a Constituição há de ser aplicada”, afirmou.

A ministra disse não ser “boba” para não saber que há preconceito contra ela. “Há (preconceito) por ser juíza? Sim. Por ter chegado a uma determinada situação? Às vezes, muito mais. Mas eu não sou nem um pouco cega para não ver que em outros lugares em que mulheres que tiveram muito menos oportunidade também houve muito maior preconceito e que, muitas vezes, acontece isso porque as mulheres não reagem, até por conveniência”, disse.

Ao ser perguntada sobre a ausência de representatividade feminina no futuro governo de Bolsonaro, ela respondeu que “só o próprio titular da equipe é capaz de dizer isso”. Ela ainda negou que as minorias estejam em risco, porque a Constituição “está valendo e prevalecendo”

Durante a campanha, o presidente eleito, Jair Bolsonaro, foi criticado por ter dado, ao longo dos mandatos como deputado federal, declarações polêmicas sobre mulheres, negros e homossexuais. O futuro ministro da Justiça, Sérgio Moro, afirmou em entrevista ao Fantástico, da TV Globo, não ver em Bolsonaro traços de preconceito contra esses grupos.

Na palestra, a ex-presidente do STF ainda defendeu a ampla transparência das atividades dos membros de instituições democráticas, sem informar, no entanto, a quais se referia. “O Brasil tem situação em que engole elefante e engasga com a formiga. O Brasil consegue ter um tribunal constitucional que julga em público. Isso não é de menor importância. Quisera eu que essa mesma discussão democrática estivesse em todas as instâncias democráticas no Brasil. Seria positivo para as minorias”, disse.

*Por Fernanda Nunes, O Estado de S.Paulo*

---

## **TJ-RS condena boate a indenizar**

# **mulheres expulsas por se beijarem**

*A 5ª Câmara Cível do Rio Grande do Sul condenou uma boate de Pelotas a indenizar por danos morais duas mulheres que sofreram preconceito e foram expulsas do local porque estavam se beijando. O estabelecimento terá que pagar R\$ 10 mil a cada uma.*

[\(Conjur, 12/11/2018 - acesse no site de origem\)](#)

As autoras contam que foram retiradas brutalmente de dentro do local por quatro seguranças, que afirmaram que o evento se tratava de uma festa heterossexual, e que o fato ocorreu na frente de várias pessoas. Um amigo teria tentado gravar o ocorrido e disse que os seguranças pegaram o seu celular e só devolveram depois das imagens terem sido apagadas. As mulheres disseram que o fato teve grande repercussão na comunidade local.

Em primeiro grau, o juiz Paulo Ivan Alves de Medeiros, da Comarca de Pelotas, entendeu que “houve a prática de ato ilícito, já que as autoras foram expulsas do estabelecimento sob justificativa preconceituosa, causando constrangimento às envolvidas perante as demais pessoas que estavam presentes no local”.

Ele lembrou que a empresa não apresentou nenhuma prova de que elas foram conduzidas amigavelmente para a portaria do estabelecimento para serem avisadas sobre as regras do local. Também afirmou que, após iniciarem agressões verbais e físicas contra os seguranças, é que elas foram levadas à via pública com proibição de retorno à festa.

Na sentença, o juiz afirmou que a conduta ultrapassou os limites da guarda e proteção à ordem do local e atingiu a imagem das autoras. A ré foi condenada a indenizar cada uma delas no valor de R\$ 15 mil por danos morais. Mas a dona da danceteria recorreu ao Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul alegando ausência de comprovação de que a retirada foi brutal. E que as autoras estavam se acariciando de “forma claramente obscena”.

A relatora do acórdão, desembargadora Isabel Dias Almeida, afirmou que “é incontroverso que as autoras foram retiradas do estabelecimento demandado pelos seguranças, residindo a controvérsia em possível excesso e, por conseguinte, no dever de indenizar”.

Isabel Dias Almeida declarou que compartilha do entendimento do juiz em primeira instância, de que o depoimento de uma testemunha, embora tenha sido dispensado de compromisso, relatou com coerência e riqueza de detalhes a atuação agressiva dos seguranças.

Por fim, a desembargadora também declarou ser ilícita a conduta dos seguranças e afirmou estar caracterizado o dano sofrido pelas vítimas. Ela manteve a indenização por danos morais, mas reduziu o valor para R\$ 10 mil para cada uma das autoras. O desembargador Jorge André Pereira Gailhard e a desembargadora Lusmary Fatima Turelli da Silva acompanharam o voto da relatora. *Com informações da Assessoria de Imprensa do TJ-RS.*

**Clique [aqui](#) para ler a decisão.**

**Processo 70078027232**

---

## **Mulheres com câncer de mama lutam contra preconceito: ‘Até sentam longe’**

*‘Há quem não fique do lado da pessoa por ela estar de lenço, depois de ter passado por quimioterapia’, diz Gilze Maria Costa Francisco, presidente do Instituto NeoMama de Santos.*

**[\(G1, 20/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

“Há quem pense que o câncer é contagioso, que uma pessoa que passou por

quimioterapia não é mentalmente confiável. Há quem não sente no mesmo lugar que a portadora sentou, que não vista a mesma roupa que a portadora vestiu. Há quem não fique do lado da pessoa por ela estar de lenço, depois de ter passado por uma quimioterapia”. O desabafo é da enfermeira Gilze Maria Costa Francisco, de 57 anos, presidente do Instituto NeoMama de Santos, no litoral paulista, e portadora de câncer de mama desde 1999.



Para Ana Norberta, palavras podem ser mais traumáticas do que tratamento (Foto: Daniel Gois)

Além das dificuldades do tratamento da doença, o preconceito é outro obstáculo enfrentado pelas mulheres. Gilze alerta para ‘mitos’ que parte da sociedade continua a alimentar, que podem gerar interpretações distorcidas, e até descaso para com as portadoras. “Uma vez, apresentei um resultado de exame de sangue para saber se eu poderia fazer quimioterapia. Uma moça estava sentada ao meu lado. Quando ela viu que eu tinha câncer de mama, até sentou longe de mim, e não olhou mais na minha cara”, lembra.

O descaso é outro problema que pode vir de quem deveria tratar a saúde das

portadoras da doença. Isabel Cristina da Silva Mathias, de 55 anos, descobriu o câncer de mama em abril de 2008. Ela conta que, após alterações verificadas em seu exame de mamografia, foi orientada a procurar um médico com urgência. “Ele disse que eu teria de fazer uma biópsia, para saber se o tipo de câncer era muito agressivo. Também disse para eu não me preocupar, porque aquilo era como uma gripe. Eu respondi: como gripe? O senhor vai prescrever quimioterapia para seus pacientes com gripe?”, questionou.

Após o desabafo, Isabel procurou outro médico para fazer o acompanhamento da doença. Lutando também contra a depressão e síndrome do pânico, ela lamenta que exista quem julgue a saúde da portadora de câncer pela aparência. “Se você não está careca, com o braço inchado e sem uma mama, você não tem problema algum. As pessoas não tratam você como uma pessoa que tem a doença”.



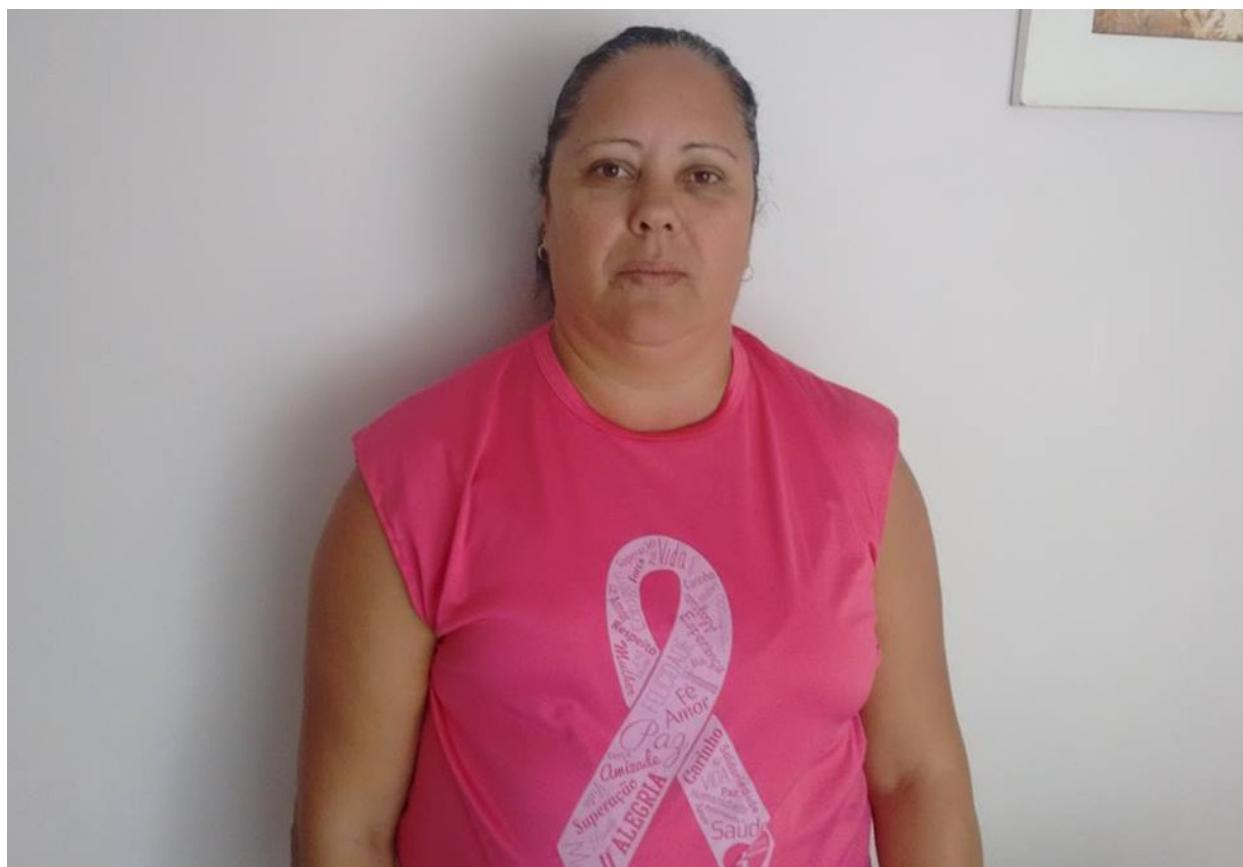
Débora Oliveira teve dificuldade para obter benefícios em serviços públicos  
(Foto: Daniel Gois)

Débora da Luz Oliveira, de 55 anos, portadora de câncer de mama e de estômago, sofreu experiência semelhante. Mesmo com direito a carteira de gratuidade em serviços públicos, ela conta que teve o benefício negado. “Apresentei os diagnósticos e os documentos, mas o médico responsável pela liberação disse que eu estava bem, com uma boa aparência”.

Débora também relata que, devido à retirada da mama direita e dos nódulos, tem dificuldade para movimentar a região do braço direito. Por ter doença crônica, ela costuma entrar em filas e ocupar cadeiras preferenciais, e já foi obrigada a retirar sua prótese em um ônibus e em uma fila de banco, para acreditarem que era portadora de câncer. “Estava no supermercado, de lenço, e fui para a fila preferencial, porque ela estava vazia”, diz Débora. “Um senhor chegou depois e perguntou por que eu estava naquela fila. Respondi que tinha câncer, e que também era considerada preferencial, mas ainda assim ele reclamou”, desabafa.

### **Informações falsas**

Ana Norberta de Souza Miranda, de 51 anos, descobriu ter câncer de mama em junho de 2017. Após enfrentar a quimioterapia e perder os cabelos, passou por uma situação que a deixou desconfortável. “Uma criança, de uns cinco anos, olhou para mim, se assustou e disse que eu havia ficado muito feia. A mãe respondeu que eu era doente, e que estava apenas passando por um tratamento. Na hora, esse ‘ela é doente’ me chocou bastante”, comenta Ana.



Isabel Mathias: ‘Dizem que, se você não está careca, com o braço inchado e sem uma mama, não tem problema algum’ (Foto: Daniel Gois)

Ela achou a postura da mãe “desconfortável” para a criança. “Ela poderia ter explicado que eu estava passando por um processo de quimioterapia, e que os cabelos iriam crescer. Seria uma forma de passar educação para a filha”.

Para combater informações falsas e mitos, Gilze Francisco aconselha que as mulheres sempre procurem informações junto a médicos e instituições com credibilidade. Ela também pede que as pessoas não repliquem qualquer informação sem antes checarem se é verdadeira.

A presidente do NeoMama também afirma que as mulheres, mesmo sem serem portadoras, não podem se descuidar e deixar o tratamento de lado. “O câncer de mama é uma doença genética, que fica até a pessoa morrer. O histórico familiar influencia somente de 10% a 15% dos casos. De 85% a 90% dos casos de câncer são por mutações genéticas. O câncer de mama que tive em 1999 não se manifestou mais, mas ele pode retornar”, explica.

Débora Oliveira também pede que a sociedade não discrimine as portadoras



de câncer. “Quero que me vejam como qualquer outra pessoa. Quem tem câncer não deve ser melhor cuidada do que uma que teve febre, por exemplo. Todas devem ter o cuidado adequado. Tenho minhas barreiras, mas dentro delas, vou ao meu limite”, afirma.

*Daniel Gois - sob supervisão de Ivair Vieira Jr, do G1 Santos*

---

## **Racismo: 8 cuidados que mulheres negras tomam que os brancos nem imaginam**

As mulheres negras têm algumas preocupações que nem passam pela cabeça de quem é branco. Entre elas, ser seguida dentro de uma loja ou ter a bolsa revistada sem razão, alguns dos maiores medos de quem sente estar sempre sob o olhar intenso do segurança de um shopping ou do policial na rua. Estes tipos de abordagem são fruto do racismo institucional, preconceito que pode ser invisível para muitos, mas é latente para suas vítimas.

**[\(Universa, 17/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

É importante frisar que uma pessoa negra não deveria ter que mudar suas atitudes para evitar maus tratos nos estabelecimentos - o erro parte de quem tem a reação preconceituosa.

De acordo com José Vicente, advogado e reitor da Faculdade Zumbi de Palmares, em São Paulo (SP), o racismo institucional é quando uma pessoa toma uma “medida protetiva involuntária que parte do pressuposto de uma crença ou de valor”. “Na sociedade, os negros são, historicamente, considerados cidadãos de segundo grau. Assim, o racismo institucional faz o sujeito acionar todos os mecanismos de defesa na aproximação de um negro. E ele se sente autorizado e com licença para abordá-la porque aquela pessoa

representa uma ameaça, de acordo com a crença de qual estética é positiva [pessoas brancas] e negativa [pessoas negras]”, explica o especialista.

Ou seja, quando uma mulher é vista como uma potencial criminosa quando entra em uma loja por causa do seu tom de pele, aquele estabelecimento fez um juízo de valor e falhou em tratá-la igual às clientes de outras etnias.

Para fugir de situações perigosas ou embaraçosas, oito mulheres contaram à *Universa* como fazem para evitar olhares suspeitos ou abordagens inadequadas. Veja:

## **‘Nunca uso chinelo. Estou sempre bem arrumada’**

Nubiha Modesto, 31 anos, publicitária, de São Paulo



Nubiha Modesto, 31 anos (Imagem: Arquivo Pessoal)

“É estranhamente natural a forma como procuro deixar minha bolsa sempre à vista quando estou dentro de uma loja, principalmente se é uma loja de departamentos. Naturalizei o fato de desconfiarem da minha presença de uma forma tão esquisita, que minha preocupação é sempre estar com as mãos à vista. Colocar mão na bolsa ou bolso é evitado a todo custo, por isso mesmo já entro na loja com celular em mãos – para não ter que mexer na bolsa caso ele toque. Pensando em vestimenta, em hipótese alguma eu saio de chinelo ou moletom ou qualquer traje mais despojado se sei que entrarei em um shopping.

Segurança de loja adora me seguir. Não importa como eu esteja vestida, o quanto eu tenha consumido ou se vou ali todos os dias. Uma vez, estava numa loja grande de maquiagem bem famosa no [shopping] JK Iguatemi, o segurança não viu as meninas brancas furtando produtos porque tava preocupado em andar atrás de mim.”

## **‘Visto roupas básicas para não chamar atenção desnecessária’**

Kelly Cristina Nascimento, 31 anos, economista, de São Paulo (SP)



Kelly Cristina  
Nascimento, 31 anos  
(Imagem: Arquivo  
Pessoal)

“Sendo uma mulher preta, sempre tenho o cuidado de sair de casa arrumada, cabelo penteado. A roupa tem que ser ok, e eu nunca posso estar de chinelo. Nem à padaria vou de chinelo ou com roupa de ficar em casa. Tudo para não ser confundida com ‘marginal’. Outro ponto é que normalmente me visto com peças mais básicas e clássicas porque sinto que ser estilosa atrai a atenção desnecessária.

Em lojas, não fico com peças de roupa na mão por muito tempo. Se gosto de algo, já uso uma sacola da loja se for uma fast fashion ou peço para a vendedora segurar. E sempre abordo um vendedor antes de ser abordada.”

## **‘Não abro bolsa dentro de loja’**

Aparecida de Jesus Santos, 28 anos, catalogadora, de Guarulhos (SP)



Aparecida de Jesus Santos, 28 anos  
(Imagem: Arquivo pessoal)

“Eu não abro bolsa dentro de loja em hipótese nenhuma. E se eu abro, o faço perto do segurança para que ele veja que eu não estou pegando nada. Quando saio de lojas com detectores eu sempre saio com a mão muito visível, para que vejam que não estou saindo com nada, porque eu tenho pavor de ser abordada e questionada. Isto é um trauma porque aconteceu algo muito complicado há um tempo atrás.

Em 2013, levei meus quatro irmãos mais novos ao Extra Hipermercado do Shopping Internacional de Guarulhos para eles comprarem um brinquedo para o Dia das Crianças. Ficamos um tempo rodando, rodando, mas, no fim, eles não quiseram comprar nada. Aí estávamos saindo e a segurança abordou a gente, pediu para que mostrássemos onde a gente tinha colocado cada um dos brinquedos que havíamos mexido. Foi péssimo”

## **‘Deixo itens que vou levar bem visíveis’**

Luana Machel Joaquim Silva, 31 anos, advogada, do Rio de Janeiro (RJ)



“Mantenho os itens que vou levar bem visíveis para não acharem que vou escondê-los no corpo ou na bolsa, por exemplo. Às vezes, evito entrar em certas lojas se sei que não vou levar nenhum produto, apenas para não passar pelo constrangimento que é ser observada a todo tempo por seguranças, principalmente quando estou num shopping muito elitizado. Tem loja que amo e já evito apenas pelo tratamento que sei que dão a mulher preta.”

## **‘Nunca ando com capuz e nem com as mãos no bolso’**

Jagannatha Laís, 29 anos, auxiliar de veterinária, de São Paulo (SP)



Jagannatha Laís, 29  
anos (Imagem:  
Arquivo Pessoal)

“Não ando com capuz e nem com as mãos nos bolsos, mesmo que esteja congelando. Evito correr atrás do ônibus mesmo que eu esteja atrasada. Não tenho essa de entrar em loja para dar uma olhada, pois sempre que entro sou observada do início ao fim. Só entro se eu tiver certeza que vou levar algo.”

## **‘Quase nunca entro ‘só pra dar uma olhadinha’**

Gabriela Aparecida Almeida Barbosa, 31 anos, analista comercial, de São Paulo (SP)



Gabriela Aparecida Almeida Barbosa, 31 anos (Imagem: Arquivo Pessoal)

“Quando entro em uma loja, procuro ir onde está o que vou comprar. Quase nunca entro ‘só para dar uma olhadinha’, porque parece que os seguranças seguem com os olhos, achando que vou pegar alguma coisa. Sempre tento deixar minhas mãos à mostra, mesmo quando o lugar só tem vigilância por câmera, para que ninguém pense que estou pegando algo.

Quando eu era criança, eu e minha irmã, que também é negra, fomos com uma amiga branca a um mercadinho bairro. A nossa amiga branca quis pegar um chocolate escondido, mas eu e minha irmã fomos contra. Enquanto tentávamos convencê-la a não levá-lo, o dono percebeu o que estava acontecendo e, automaticamente, colocou a culpa em mim e na minha irmã. E ainda falou para a menina branca para ela não andar com a gente porque estávamos a levando para o mau caminho.”

**‘Em uma loja, fico no meio do corredor, para**

## **que vejam o que estou fazendo’**

Aline Jansen Gomes da Silva, 37 anos, servidora pública, do Rio de Janeiro (RJ)



Aline Jansen Gomes da Silva, 37 anos  
(Imagem: Arquivo pessoal)

Em loja, em contrapartida, não importa o quanto eu esteja maquiada ou arrumada, sempre sou observada, já fui seguida. Principalmente em grandes drogarias. Eu gostava muito de ir em farmácias, mas agora eu estou perdendo esse hábito. Mas, quando entro, mantenho uma distância da gôndola. Fico no meio do corredor, para que vejam o que estou fazendo. Não fico tocando nos produtos... É algo horroroso, mas já vai ficando automático.”

## **‘Evito trocar olhares’**

Gabriela Ramos Bispo da Silva, 28 anos, produtora de conteúdo, de Rio de Janeiro (RJ)



Gabriela Ramos Bispo  
da Silva, 28 anos  
(Imagem: Arquivo  
Pessoal)

“Nunca passei por uma opressão de policial, mas tem coisas que eu evito, como estar na rua sozinha. Tento não me dirigir, não falar, não olhar nos olhos de policiais, por exemplo. Evitar qualquer outro tipo de contato que eles possam achar ameaçador ou que eles possam achar que tenho algo.

Em lojas, desde que assumi o cabelo natural, eu sou mais observada, seguida pelo segurança. Nestes casos, eu não faço nada, porque eu existo, eu não sou ladra. Eu só existo. Nunca cometi nenhum crime, então eu continuo vivendo a minha vida. Às vezes pergunto se a vendedora ou o segurança precisam de mim para alguma coisa. Em farmácia, onde as coisas são pequenas, eu pego o produto que preciso e fico andando com ele no alto, para evitar que as pessoas fiquem andando atrás de mim.”

*Natália Eiras*

---

## **Leis não são suficientes para eliminar preconceito contra LGBTs, diz ativista**

*Para ex-deputado holandês, é preciso exemplos para diminuir solidão de quem sai do armário*

**[\(Folha de S.Paulo, 27/06/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

Dezessete anos depois de conseguir [aprovar a primeira lei do planeta do casamento gay](#), o ex-parlamentar holandês Boris Dittrich diz enfrentar o



mesmo tipo de alarmismo onde quer que este debate se instaure.

“Na Holanda, ao contrário do que muita gente previu, a instituição do casamento entre pessoas do mesmo sexo não gerou nenhuma revolução, não retirou direitos de nenhum outro grupo de pessoas, não levou ao fim do mundo nem à ira de Deus”, ironiza.

O advogado há 11 anos atua como diretor da divisão de direitos das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) da ONG Human Rights Watch e viaja o mundo discutindo discriminação e violência contra essas minorias.

Para ele, ainda que a iniciativa holandesa tenha inspirado outros 24 países a adotar o casamento gay, o que aumenta a visibilidade e a aceitação dessas pessoas, a descoberta da própria homossexualidade é ainda um processo solitário.

“Aprovar leis não é o suficiente porque descobrir-se gay ou trans gera medo de ser excluído ou discriminado, o que pode isolar ainda mais essas pessoas. Precisamos de exemplos emblemáticos de pessoas públicas LGBT nas quais os jovens possam se espelhar para perceberem que não estão sozinhos nessa”, explica, lembrando que a homossexualidade é, ainda hoje, criminalizada em pelo menos 73 países.

Dittrich vem ao Brasil na próxima semana falar sobre solidão e direitos LGBT em palestra promovida pela The School of Life e pela Human Rights Watch.

### **Qual foi o impacto da primeira lei do casamento gay, aprovada na Holanda em 2001?**

Muita gente na Holanda que hesitava em assumir sua relação homoafetiva resolveu fazê-lo, o que deu maior visibilidade a gays e lésbicas.

De repente, as pessoas descobriram que seus vizinhos, colegas de trabalho ou amigos eram LGBT. E, ao contrário do que muita gente previu, o casamento entre pessoas do mesmo sexo não gerou nenhuma revolução, não retirou direitos de nenhum outro grupo de pessoas, não levou ao fim do mundo nem à ira de Deus (risos).

As previsões alarmistas não se confirmaram, mas continuam sendo evocadas até hoje.

### **Quais são eles?**

O mais comum é que Deus criou o homem e a mulher para procriar, e o casamento seria, portanto, uma lei natural. Minha resposta é que casamento é uma questão civil, e não religiosa. Não queremos mudar crenças, mas fazer valer a distinção entre igreja e Estado.

O segundo é que o casamento gay representaria o fim da civilização porque a união não gera filhos, o que desconsidera que uma lésbica pode engravidar e um gay pode ser pai.

E há ainda a crença de que as crianças seriam infectadas e se tornariam gays ou lésbicas, o que é ignorância pura.

### **Onde essas ideias são mais fortes?**

Na Tchetchênia, os homossexuais [têm sido perseguidos e torturados](#). Alguns têm desaparecido, outros [têm sido mortos](#) por seus familiares. Quando o presidente Ramzan Kadirov foi questionado sobre essas prisões, respondeu que elas não ocorriam porque não existiam gays lá.

É um exemplo extremo, mas não é tão incomum lideranças alegarem que não existem gays em seus territórios.

Por trás desse raciocínio está a ideia de que a visibilidade gay pode plantar a homossexualidade na cabeça dos outros. É preciso lembrar que os gays nascem, na maioria dos casos, em famílias heteronormativas.

### **Como o Brasil se insere neste contexto?**

Há um paradoxo no Brasil que me parece ter a ver com questões menos visíveis, de classe, de pobreza e de falta de proteção policial.

Os relatos de assassinatos de pessoas LGBT, em especial de mulheres trans, são bastante perturbadores. É preciso reiterar sempre a importância de termos sociedades diversas e inclusivas.

O fato de a lei que criminaliza a discriminação no país não incluir orientação sexual, graças à pressão de parlamentares religiosos, corrobora para esse quadro?

Certamente. Nos EUA, depois que o casamento gay [passou na Suprema Corte](#), muitos estados passaram a se preocupar em proteger a liberdade religiosa.

Um estudo da Human Rights Watch revelou que [muitos serviços são negados a pessoas LGBT](#) com base nesse tipo de argumento. A liberdade religiosa tem sido usada como licença para discriminar, ainda que o papa tenha dito que não é OK discriminar pessoas por sua orientação sexual.

### **Por que as leis não são suficientes para proteger pessoas LGBT?**

Mesmo na Holanda de hoje, um casal do mesmo sexo caminhando de mãos dadas pode ser alvo de violência. Podemos aprovar mais leis, mas elas não são capazes de eliminar o preconceito.

Quando uma pessoa descobre sua orientação sexual ou identidade de gênero, tem de fazer uma escolha que é muito solitária e leva em consideração perigos reais.

Expressar ou não uma orientação ou identidade diferente gera uma série de angústias e medos porque, infelizmente, em muitos casos aqueles ao redor não respondem de maneira positiva, o que pode ser muito perturbador e traumático.

### **O que pode melhorar esse quadro?**

Bons modelos para pessoas LGBT. Pode ser um político, atleta ou artista em quem essas pessoas possam se espelhar quando surgirem questões sobre sua orientação sexual. Isso faz com que elas se sintam menos sozinhas.

Temos trabalhado com expoentes do mundo dos negócios, como Tim Cook, CEO da Apple. É o tipo de exemplo que gera uma bola de neve de visibilidade e aceitação. Mas a bola tem de seguir rolando. É um trabalho que, como o feminismo, parece que não tem fim. Precisamos reconhecer as conquistas

LGBT, mas também que não chegamos lá ainda.

---

# Manual ensina uso correto de termos vinculados à diversidade sexual

Homossexualismo. O travesti. Opção sexual. Essas expressões podem parecer inofensivas, mas carregam décadas de desinformação que só colaboram para formular conclusões erradas sobre a sexualidade e cujo efeito imediato é a disseminação da homofobia.

**[\(Folha de S.Paulo, 23/05/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

As versões corretas das palavras são “homossexualidade”, porque o sufixo *ismo* é geralmente vinculado a doença e ideologia; “a” travesti, em vez do artigo no masculino, porque a identidade é feminina; e “orientação sexual”, pelo simples fato de uma pessoa não optar por sua sexualidade, porque ela é nata.

Essas e outras expressões estão no primeiro Manual de Comunicação LGBTI+, lançado na terça-feira (22), em São Paulo, pela Aliança Nacional LGBT em parceria com a GayLatino, uma rede de associações latino-americanas que lutam pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

Apoiado por diversas entidades ligadas à comunicação, inclusive a Federação Nacional dos Jornalistas, o guia tem como propósito desestimular nos textos e na fala o uso de termos corriqueiros que desrespeitam a dignidade humana e sugerir correções.

Editamos alguns verbetes que põem os pingos nos is desse extenso (e, é

verdade, às vezes confuso) vocabulário da diversidade. Confira.

\*\*\*

## **Identidade, orientação e sexo**

São três conceitos básicos para entender a diversidade. A identidade de gênero é a “forma como cada pessoa sente que ela é em relação ao gênero masculino e feminino, lembrando que nem todas as pessoas se enquadram, e nem desejam se enquadrar, na noção binária de homem/mulher, como no caso de pessoas agênero e ‘queer’, por exemplo”.

[...] Orientação é um conceito descolado da identidade, porque é a “inclinação involuntária de cada pessoa em sentir atração sexual, afetiva e emocional por indivíduos de gênero diferente, de mais de um gênero ou do mesmo gênero”. [...] Por fim, “o sexo biológico é o que existe objetivamente, os órgãos, hormônios e cromossomos.”

### **“Queer”?**

Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como “queer”, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade. O termo ‘queer’ também é utilizado por alguns para descrever sua identidade e/ ou expressão de gênero. Quando a letra Q aparece ao final da sigla LGBTI+, geralmente significa queer e, às vezes, ‘questioning’ (questionamento de gêneros).”

### **Nem desvio, nem normalidade**

“No Brasil, a homossexualidade não é considerada ‘desvio sexual’ desde 1985, pelo Conselho Federal de Medicina. É um termo ofensivo e que não deve ser usado por profissionais da comunicação, pois indica a homossexualidade como uma anomalia, algo fora de uma ideia de ‘normalidade’ heterossexual.”

[...] “Ao se tratar de sexualidade, não existe padrão de normalidade ou

anormalidade. A manifestação sexual/afetiva é de caráter individual e íntimo dos indivíduos. Falar de ‘normalidade’ de uma identidade ou orientação sexual pressupõe que existe um ‘desvio da norma’ ou uma ‘anormalidade’. Portanto, é uma expressão que deve ser evitada ao referir-se aos segmentos LGBTI+, pois pode reforçar conceitos relacionados ao preconceito e discriminação.”

### **Ninguém muda de sexo**

[...] “A readequação de sexo e gênero é muito mais ampla do que deixa entender o termo ‘mudança de sexo’, que pode reduzir a questão como apenas uma vontade de trocar de sexo. Antes das cirurgias, é realizada uma avaliação e acompanhamento ambulatorial com equipe multiprofissional, com assistência integral no processo de readequação de sexo e gênero (BRASIL, 2015b).”

### **Travesti não é o mesmo que transformista**

Transformista é um “indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas (ABGLT, 2010).” [...] “Uma drag queen não deixa de ser um tipo de ‘transformista’, pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas – a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero.”

Portanto, é importante separar a travesti desses dois contextos, porque ela “é a pessoa que nasceu com determinado sexo, ao qual foi atribuído culturalmente o gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto”. [...] “Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de ressignificação de termo historicamente tido como pejorativo.”

### **Troque “casal homossexual” por “casal homoafetivo”**

“Ao falar sobre homoafetividade ou casamento homoafetivo, o ideal é usar a expressão casal homoafetivo. A palavra homoafetiva é sinônimo de homossexual, mas ressalta a conotação emocional e afetiva envolvida na relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo/gênero.”

## **“Cura gay” não existe!**

O conceito é da idade média, mas como parece que não saímos dela, vale lembrar: “o Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução 001/99, veda toda e qualquer tentativa de um psicólogo de ‘curar’ o paciente homo ou bissexual. Nesses casos, o profissional que infringir a resolução pode sofrer sanções, inclusive a perda do registro profissional. Também um psiquiatra ou médico pode ser denunciado ao Conselho Regional de Medicina, caso tente ‘tratar’ a homossexualidade.”

Leia o manual completo [aqui](#)

---

# **Gente Branca: O que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas?**

Percebida como algo natural no Brasil, a branquitude ainda precisa ser compreendida e discutida pela maioria dos brancos - só assim, reconhecendo privilégios e falando sobre eles, pode ser possível a essa parte da população ir além da frase passiva “eu não sou racista” e de fato fazer diferença na luta contra a desigualdade.

**(UOL, 21/05/2018 - acesse a íntegra no site de origem)**

Que tipo de vantagem um morador de rua branco pode ter em relação aos negros que dividem com ele um pedaço de calçada no centro de São Paulo? Fernando\*, um jovem loiro, de pele clara e olhos azuis, é direto ao responder à pesquisadora e psicóloga branca Lia Vainer Schucman: “Ah, ser branco é poder entrar no shopping para cagar”.

Mas não para por aí, claro. Enquanto Fernando ressalta a liberdade de andar pelo centro comercial sem ser abordado pelos seguranças, ao contrário do que diz ocorrer com seus colegas de pele escura, outro morador de rua destaca a vantagem de ganhar mais dinheiro. “Às vezes eu fico na porta de um banco, com três pessoas negras, e já me falaram: ‘Tadeu\*, você ganha dinheiro sem pedir, e nós que tamos aqui pedindo demoramos horas para conseguir’. Eu sento na porta do banco para ficar escrevendo, desenhando, e as pessoas me dão dinheiro”, relatou Tadeu a Schucman, autora do livro “Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude e Hierarquia de Poder na Cidade de São Paulo”, fruto do seu doutorado.

No extremo oposto da pirâmide social brasileira, o primeiro negro a ocupar uma cadeira no STF (Supremo Tribunal Federal) foi uma exceção por vezes tratada como regra. Para o bem ou para o mal, a cor de sua pele nunca deixou de ser notada. Para aqueles que apoiavam Joaquim Barbosa, ele era um “negro que mereceu”, um “negro que não precisou de cotas”, um “negro que não fez mimimi”. Já quem o criticava, incluindo aí muita gente que se diz progressista e antirracista, chegou a chamá-lo de “capitão do mato”. Barbosa nunca foi visto apenas como um ministro da principal corte do país. Ele sempre foi “o ministro negro do STF”. A popularidade fez com que cogitasse se candidatar à Presidência em 2018, mas ele acabou por desistir.